
A FOTOGRAFIA: UMA ALIADA NA TRSMISSÃO DE TRADIÇÕES DA COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA

Denise Coutinho

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
denisecoutinhoufpb@gmail.com

Na antiguidade, tendo em vista uma sociedade fundamentada basicamente na oralidade, os surdos foram levados a viverem num isolamento lingüístico e social. Eles já foram considerados seres não competentes e impossibilitados de desenvolverem suas faculdades intelectuais. Nesse sentido, afirma Moura (2000):

“Isto decorria do pressuposto de que o pensamento não podia se desenvolver sem linguagem e que esta não se desenvolvia sem a fala. Desde que a fala não se desenvolvia sem a audição, quem não ouvia, não falava e não pensava, não podendo receber ensinamento e, portanto, aprender. Este argumento era usado pelos gregos e romanos para aqueles que nasciam surdos.”

A partir da Idade Moderna, com os avanços científicos, os surdos conquistaram o direito de utilizar a sua língua que passou a ser adotada em cursos de alfabetização destes. Tempos depois, os surdos vivenciaram o banimento progressivo de sua língua das instituições de ensino.

No Brasil, o reflexo das decisões do Congresso de Milão, realizado em 1880 que optou pela proibição da língua de sinais nas escolas, foi sentido quando, em 1911, foi decidida a adoção do método oral no Instituto Nacional dos Surdos-Mudos, hoje, Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e, posteriormente, em 1957 a proibição da língua de sinais em sala de aula. (RAMOS, 2006). O Brasil já reconheceu o status lingüístico que a mesma possui e a denominou de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Esta tem sido instrumento importante na manutenção da unidade, através da resistência.

A unidade também tem sido mantida através do desenvolvimento de atividades, principalmente, no campo social - educacional e esportivo – que identifica os surdos enquanto uma Comunidade. A prova destas práticas, desde longo tempo, está nas fotografias que circulam entre os surdos e, hoje, também na internet nos sites de relacionamento.

1. VISÃO HISTORICISTA E DIGLÓSSICA SOBRE A COMUNIDADE SURDA

1.1. Historicismo

A resistência acima citada torna-se necessária, pois os surdos vivem socialmente envoltos em atitudes historicistas e diglósicas que a sociedade lhes impõe.

Tais atitudes assemelham-se às atitudes que foram inferidas por Calvet, 2004 apud Viana, 2006:

“no plano lingüístico, o colonialismo institui um campo de exclusão de duplo gatilho: exclusão duma língua (a língua dominada) das esferas do poder, exclusão dos falantes desta língua (dos que não aprenderam a língua dominante) dessas mesmas esferas”.

As atitudes de desvalorização e o não respeito às diferenças a partir de uma visão historicista têm levado as pessoas surdas a aceitarem as ideologias dominantes, que chegam a considerar as pessoas ouvintes superiores e os surdos de inferior valor social.

1.2. Diglossia

Além de serem permeados pelo historicismo, os surdos também vivem numa situação diglósica, aqui vista como a coexistência de duas línguas numa dada sociedade, sendo que uma é considerada de maior prestígio e a outra de menor prestígio.

Os surdos, sendo membros de famílias onde a maioria das pessoas são ouvintes e estando a sociedade nesta mesma condição, não têm sido considerados como sujeitos de sua criação lingüística nem de sua criação cultural.

2. OS ESPAÇOS DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA DA COMUNIDADE SURDA

Sabe-se que língua e cultura são dois instrumentos inseparáveis. Segundo Paraquett (2000), *cultura é “o conjunto de tradições, de estilo de vida, de formas de pensar, sentir e atuar de um povo”*. Portanto, esta atitude de resistência tem se estendido também aos eventos sociais que fazem parte da cultura da Comunidade Surda Brasileira. Para PERLIN¹ (1998):

é preciso manter estratégias para que a cultura dominante não reforce as posições de poder e privilégio. É necessário manter uma posição intercultural mesmo que seja de riscos.

Uma das estratégias, citada por Perlin, que os surdos têm utilizado para manter esta posição intercultural é transmitindo suas tradições às suas gerações mais jovens. Estas tradições

têm acontecido basicamente em dois espaços organizacionais: escolas para surdos e associações de surdos.

2.1. As escolas de surdos

As escolas denominadas de surdos são escolas que atende unicamente alunos surdos, sem processo de inclusão, e onde se desenvolve uma proposta de educação bilíngüe. O INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos, fundado em 1857) na cidade do Rio de Janeiro, o IST (Instituto Santa Teresinha, fundado em abril de 1929) na cidade de São Paulo. Aqui na Paraíba temos a EDAC (Escola Estadual de Audiocomunicação de Campina Grande) e o CEPES (Centro de Educação Permanente para Surdos, fundado em 1997) na cidade de João Pessoa que são exemplos deste tipo de estabelecimento de ensino.

De acordo com o IST o bilingüismo é o conhecimento e o uso regular de duas ou mais línguas. Um bilingüismo língua oral na modalidade escrita e falada quando houver condições, e língua de sinais. É a única via através da qual a criança surda poderá ser atendida nas suas necessidades, quer dizer, comunicar com os pais desde uma idade precoce. Desenvolver suas capacidades cognitivas, adquirir conhecimento sobre a realidade externa, comunicar-se plenamente e converter-se num membro do mundo surdo e do mundo ouvinte².

2.2. As associações de surdos

As associações de surdos são entidades filantrópicas, sem fins lucrativos com finalidade sócio-cultural, assistencial e/ou educacional. E também tem por objetivo a defesa e a luta dos direitos da Comunidade Surda local.

A primeira associação de surdos surgiu no Rio de Janeiro. Esta associação foi fundada em 16 de maio 1953 com a ajuda de uma professora de surdos. *D. Ivete Vasconcelos. Era composta por um grupo de surdos da Congregação (Alvorada). D Ivete emprestava a sala do pátio do seu prédio para as reuniões com o presidente da associação.* (MONTEIRO, 2006).

Na região Nordeste as associações de surdos - na Paraíba existe em João Pessoa, Bayeux, Campina Grande, Patos, Pombal - são também filiadas à LINEDS - Liga Nordestina Desportiva de Surdos que atualmente tem sede em Fortaleza-Ceará e promove torneios em várias modalidades esportivas, entre elas: futebol de campo, futebol de salão, vôlei de quadra em equipe e em dupla, vôlei de praia, além de várias modalidades dos jogos intelectuais, tais como: xadrez, dama, etc.

3. O ELEMENTO FUNDANTE NA TRANSMISSÃO DA CULTURA SURDA

Só com a possibilidade de comunicar-se através da LIBRAS, sem um sistema de escrita da mesma e com muitos limites no uso da língua portuguesa escrita os surdos têm transmitido sua cultura através de relatos de geração para geração. Aliado a esta tradição de transmissão está o uso do registro fotográfico.

A palavra fotografia vem do grego e significa "desenhar com luz". O primeiro fotógrafo a apresentar o primeiro exemplo de uma imagem permanente, ainda existente nos dias atuais, foi Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833) que começou seus experimentos fotográficos em 1793, mas não pode usufruir do resultado de seu árduo trabalho como pode-se conferir no site do STUDIOS BELLA ARTE (2010):

Niépce morreu antes de ver sua invenção mundialmente aclamada em 1839. Quem ficou com a glória foi o associado, Jean Jacques Mandé Daguerre, que rebatizou a *héliographie* (nome imaginado por Niépce) de *daguerreotypie*, para ter certeza de que a humanidade não o esqueceria. Menos astuto do que Daguerre, Hippolyte Bayard, o primeiro a fazer uma exposição de fotografias, em 24 de junho de 1839, foi quase totalmente esquecido. Ele anunciou seu processo pelo menos dois meses antes do lançamento oficial da *daguerreotypie*. Amargando o ostracismo, Bayard revidou com uma sarcástica auto-denúncia afirmando que "o governo, que tanto havia dado ao Sr. Daguerre, alegou nada poder fazer pelo Sr. Bayard e o infeliz se afogou...

As imagens fotográficas, por sua vez, resumem-se para além de um desenho, num ambiente e em emoções. Este objeto envolve todo o ambiente em que foi criado e todos os sentimentos momentâneos que naquele preciso momento se fizeram sentir³. Por isso, argumenta-se que fotografias nunca são evidências da história: elas são a própria história. A fotografia torna-se, portanto, um meio de proporcionar ao indivíduo percebe-se no mundo e enquanto sujeito percebe-se enquanto um ser sócio-cultural de si mesmo.

A fotografia é um artefato bastante recorrente entre a maioria dos surdos. É muito comum em encontros vermos pequenos álbuns fotográficos circulando entre os grupos de surdos ou atualmente as câmeras digitais que acumulam um quantidade significativa de fotos onde pode está registrada um bom período de tempo ou vários períodos de tempo.

Há poucos dias conversando com um grupo falávamos de um surdo que faleceu. Os surdos presentes tentavam fazer-me lembrar dele e após algumas tentativas, através de descrições de jeito, cabelo, atitudes, etc., uma surda, rapidamente, tirou de sua mochila um pequeno álbum com várias fotos e lá estava a foto do falecido.

Esta prática reforça o que afirma PERLIN (1998):

A identidade surda se constrói dentro de uma cultura visual. Essa diferença precisa ser entendida não como uma construção isolada, mas como construção multicultural.

A cultura de cunho visual ocorre tendo em vista que a língua de sinais sendo de uma modalidade visual tem como perspectiva a escuta através dos olhos e não dos ouvidos como é o caso das pessoas não-surdas.

4. EVENTOS SOCIAIS DAS COMUNIDADES SURDAS

Apesar dos surdos, desde muitos séculos por indução ou auto-preservação, viverem afastados da sociedade ouvinte estes nunca deixaram de possuir uma vida social intensa, mantendo uma longa tradição na produção de eventos sociais.

Como os eventos são realizados dentro da “área da Comunidade Surda” onde participam poucos não-surdos estas tradições são pouco conhecidas destes.

Através dos registros fotográficos, pode-se perceber que os surdos têm perpetuado entre outras tradições: os jogos desportivos e as fotos escolares conforme podemos observar nas fotos⁴ que se seguem.

4.1. Os jogos desportivos

Os jogos desportivos são constituídos por várias modalidades esportivas - voleibol, handebol, basquetebol, futsal, futebol, natação - entre outros. Balbino (2001) aponta alguns pontos positivos nessas modalidades afirmando que quem as pratica desenvolve o espírito coletivo, a disciplina pela aceitação das regras, a elaboração de recursos internos para resolver dificuldades e analisar as situações que levam ao desenvolvimento do raciocínio que por sua vez conduzem as ações.



Seja dentro de instituições educacionais ou em associações os surdos estes rompem o isolamento através, principalmente dos campeonatos, e isto tem fortalecido uma articulação regional bastante significativa aqui na região nordeste.

4.2. Fotos escolares



fontes (alunos, profissionais, etc.), o cenário e a partir destes e de outras informações podemos fazer inúmeras inferências que ajudem a compreender, por exemplo, uma época.

ilustrações e pessoas



Estas quatro primeiras fotos são de diferentes épocas de alunos do INES e as seguintes de alunos do CEPES e EDAC, respectivamente.

Considerações Finais

O registro fotográfico, além de pertencer à cultura visual da Comunidade Surda, passa a ser de fundamental importância para a transmissão/manutenção de suas tradições às novas gerações de crianças e jovens surdos.

A fotografia sendo uma forte aliada ao processo de transmissão de tradições da Comunidade Surda torna-se também uma prova documental/histórica. Conforme

MARCACINI (2000) “A característica de um documento é a possibilidade de ser futuramente observado; o documento narra, para o futuro, um fato ou pensamento presente, daí ser também definido como prova histórica” e como verificado em SANTOS (2006) “A escrita é o meio mais empregado para a composição de documento, mas toda e qualquer representação material pode adquirir tal característica: o filme, a gravação em discos e fitas, a fotografia etc.”

Este registro visual, também, pode ativar mecanismos culturais que fazem com que os indivíduos, devido ao olhar do outro, encontre sua própria identidade.

¹ Surda, Profa. Dra. em Educação pela UFRGS.

² <http://www.institutosantateresinha.org.br/bilinguismo.htm>

³ <http://teoria-das-teorias.blogspot.com/2007/03/20-fotografia.html>

⁴ Fotos do meu arquivo pessoal e/ou disponibilizadas, através da minha rede de amigos, Orkut: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=mp&uid=4890150995107461449>

Referências

BALBINO, H. F. *Jogos desportivos coletivos e os estímulos para as inteligências múltiplas: bases para uma proposta em pedagogia do esporte*. 2001. Dissertação (mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CAMPELLO, A. R. S. *A Pedagogia visual na educação dos surdos-mudos*. 2008. Tese (doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

<http://odivadeeinsteim.wordpress.com/a-autora/>. Acesso em 15.07.2010.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Aquisi%C3%A7%C3%A3o_da_linguagem. Acesso em 10.08.2010

<http://www.institutosantateresinha.org.br/bilinguismo.htm>. Acesso em 30 jun 2010.

<http://www.studiosbellaarte.com.br/historia.htm>. Acesso em 04 maio 2010

MARCACINI, A.T. R. *O documento eletrônico como meio de prova*. 2000. <http://advogado.com/internet/zip/tavares.htm>

MEYER, R. M. de B. *Should I call you a senhora, você ou tu? Interaction difficulties for English speaking portuguese learners*. Trabalho apresentado na mesa-redonda “Brazilian Portuguese – North American English: cross-cultural approach”. *IV Congresso Internacional da BRASA*, Atlanta, Georgia, Estados unidos, pp. 1-6, 2002.

MONTEIRO, M. S. *História do Movimento Surdo no Brasil*. ETD Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n.2, p. 292-302, junho 2006.

MOURA, M. C. de. *O surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinter Ltda, 2000.

PARAQUETT, M.. *Da abordagem estruturalista à comunicativa*. In: TROUCHE e REIS (org.). *Hispanismo*. Brasília: Ministério da Educação, Cultura e Deporto, 2000, vol. 1.

PERLIN, G. *Identidades Surdas*. In: SKLIAR, C. (Org.) *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

_____. *Identidade Surda e Educação*. In: BERGAMASCHI, Rosi I.; MARTINS, R. *Discursos atuais sobre a surdez*. Canoas: La Salle, 1996.

PINTO, P. L. F. *Identidade Cultural Surda na Diversidade Brasileira*.
<http://www.ines.gov.br/paginas/revista/debate3.htm>. acesso em 01 jul 2010.

RAMOS, C. R. *LIBRAS: A Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros*. Editora Arara Azul. Petrópolis. RJ. Disponível em <www.editora-arara-azul.com.br> Acesso em 07 jul 2009.

SACKS, O. *Vendo Vozes – uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 - Tradução: Laura Teixeira Motta.

SANTOS, E. F. dos. *Manual de direito processual civil*. 2006

VIANA, N. *Linguagem, poder e relações internacionais*. Disponibilizado em
http://www.cefetgo.br/cienciashumanas/humanidades_foco/anteriores/humanidades_4/html/sociedade_linguagem_poder.htm . Acessado 27 ago 2009.